

PROTAGONISMO JUVENIL E CULTURA DE PAZ: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA CLUBE DO JORNAL

*Maria Joyce Maia Costa Carneiro
Dário Gomes do Nascimento
Antônia Adaline Sousa Bastos*

[...] quando nós permitimos o sino da liberdade soar, quando nós deixarmos ele soar em toda moradia e todo vilarejo, em todo estado e em toda cidade, nós poderemos acelerar aquele dia quando todas as crianças de Deus, homens pretos e homens brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão unir mãos e cantar nas palavras do velho spiritual negro: “Livre afinal, livre afinal.

“Agradeço ao Deus todo-poderoso, nós somos livres afinal.”

Discurso de Martin Luther King, em 28 de agosto de 1963 – Washington D. C., EUA

O sistema de educação pública, no contexto brasileiro, passa por mudanças estruturais paulatinas, fruto de movimentos sociais que pressionam o poder público pela valorização docente (BRITO, 2013) e um maior investimento na educação, através do movimento Plano Nacional de Educação – PNE pra Valer, por exemplo (CARA, 2013).

Diante disso questionamo-nos: em se tratando de protagonismo juvenil, qual é o papel do jovem nesse processo de mudanças? Vimos, recentemente, entre os meses de junho e julho de 2013, a eclosão de manifestações por todo o Brasil, inicialmente contra o aumento das passagens de ônibus no Rio de Janeiro e São Paulo. Em seguida muitas outras reivindicações se somaram a esse movimento, com lutas a favor de melhorias urgentes dos mais diversos serviços públicos, sendo um destes a educação, o que influenciou a aprovação de

uma lei, na Câmara dos Deputados, no dia 14 de agosto de 2013, que direciona a maior parte dos recursos oriundos do Pré-Sal para a realização de investimentos na educação (PNE PRA VALER, 2013).

Episódios como esses deixam em destaque o papel de protagonista que o jovem vem tendo no que diz respeito às manifestações que estão ocorrendo no Brasil, além de suscitar discussões sobre o papel das mais diversas mídias, com destaque às redes sociais, diante desses acontecimentos.

Vemos, dessa forma, a relevância de ferramentas denominadas como mídias alternativas. Citamos o exemplo do Programa Clube do Jornal, enquanto ação eficaz para a formação crítica e cidadã de crianças, adolescentes e jovens, inseridos em ambientes educacionais. Permitir que esses sujeitos sejam escritores da sua própria história dá-lhes a oportunidade de reescreverem o seu contexto. Uma reescrita por uma crítica às injustiças e manifestações de opressão que ainda se fazem presentes entre nós, em prol do estabelecimento de relações humanas pautadas na diversidade, justiça social e diálogo democrático, desencadeando, dessa forma, a construção de um contexto social onde predomine uma Cultura de Paz.

O Protagonismo Juvenil: Participação na Sociedade e na Comunidade Escolar

A palavra protagonismo é de origem grega: *protos*, o principal, o primeiro; *agonistes*, o lutador e o contendor. Assim, a retomada do termo protagonismo juvenil assume o significado do jovem capaz de ocupar um papel central nos esforços por mudanças sociais e na construção da sua autonomia, tomando decisões baseadas em valores vividos. Isso implica o exercício da cidadania, envolvendo-se na discussão e resolu-



ção de problemas concretos do seu cotidiano e nas questões de interesse coletivo.

O protagonismo juvenil é uma nomenclatura usada a partir dos anos 1990, embora saibamos que o discurso que fala da participação ativa dos alunos em sua aprendizagem já vem desde as décadas de 20 e 30 do século passado. Alguns teóricos apontam, como canais institucionais de participação de alunos na gestão da escola, os grêmios estudantis, que datam da década de 1960, e os conselhos escolares, que preveem o envolvimento dos alunos, educadores, pais e comunidade escolar nas tomadas de decisões na gestão escolar, os quais datam da década de 1980. (SOUZA, 2006, p.41)

Em se tratando da participação juvenil, uma ação é dita protagônica quando, na sua execução, o jovem é o ator principal no processo de seu desenvolvimento. Por meio desse tipo de ação, o educando adquire e amplia seu repertório interativo, aumentando assim sua capacidade de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto escolar e sociocomunitário. Duas preocupações devem ser determinantes nesse processo: a primeira diz respeito à participação e as relações de afetividade, envolvendo os alunos; e a segunda trata do atual modelo de gestão, configurando-se como amparo de uma política educacional com foco na gestão democrática e na autonomia escolar.

Em relação ao protagonismo juvenil nas escolas brasileiras, essa ação não é nova. Os grêmios estudantis, como citado, datam da década de 1960 e os conselhos escolares, que preveem o envolvimento dos alunos e familiares na direção da escola, remontam aos anos 1980, uma vez que na década de 1990 foram emitidos diferentes documentos oficiais que explicitaram e valorizaram essa participação. Segundo tal documentação, a escola deve democratizar sua gestão, cumprindo

efetivamente sua função de tornar-se um espaço pedagógico atraente, democrático, confiável e desafiador, principalmente quando esse desafio tem como foco os jovens, favorecendo seu progresso intelectual, social e afetivo.

Costa (2001, p.9) se preocupou em tratar essa temática, traçando uma relação entre o protagonismo e a educação formal em que, no enfrentamento de situações que acontecem na escola, esse processo da participação deve ser trabalhado de forma cooperativa, “cujo foco é a criação de espaços que propiciem ao adolescente empreender ele próprio a construção de seu ser em termos pessoais e sociais”.

Dessa forma, o autor partilha do mesmo pensamento de outros, que atribuem ao educador o ofício de ser mais do que um repassador de conteúdos; deve também ser um orientador, para situar o aluno no centro do processo educativo, norteando-o em sua aprendizagem. Assim, atribui ao aluno a condição de protagonista desse processo, considerando-o, “como fonte de iniciativa (ação), liberdade (opção) e compromisso (responsabilidade)” (COSTA, 2003).

Entendemos que, na medida em que o jovem assume uma postura ativa em sua história de vida, ele se torna apto a exercer o seu protagonismo em termos sociais e cívicos e, ao mesmo tempo, quanto mais ele participa de processos coletivos de cidadania e solidariedade, mais fortalece a sua identidade pessoal (MILANI, 2006).

Uma importante conquista, em termos legais, para tornar o jovem como um dos protagonistas da construção de uma escola democrática, foram as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – DCNEM, formalizadas pelo Conselho Nacional de Educação por meio da Resolução nº. 3 de 1998 e ainda em vigor. O protagonismo juvenil apresenta-se como um de seus eixos fundamentais, constituindo-se



também o meio legal mais importante para a difusão da participação juvenil nesse nível de ensino.

Além disso, o artigo 14 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), bem como outras orientações de órgãos estaduais, prescreveram a gestão escolar como fator importante para a participação de alunos. Essas orientações pedagógicas, que enfocam o estudante como sujeito desse processo, vêm a cada ano possibilitando o envolvimento do aluno em ações educativas para seu crescimento intelectual e social, sendo importante que os gestores facilitem a concretização desse movimento, de forma que se torne efetivo e real para a juventude, fortalecendo cada vez sua poder de decisão na escola, com foco na convivência democrática.

Ainda é um grande desafio a participação dos jovens na vida escolar, sendo que, se a instituição escolar favorecer uma gestão democrática, que estimule a participação do aluno, dando-lhe oportunidade para que se envolva em ações que tragam benefícios para a escola e a comunidade, esta será uma mudança favorável ao estimular o jovem a assumir um papel social de sujeito empreendedor e solidário. Tem-se, portanto, de começar mudando a maneira de percebê-lo, ou seja, como sujeito ativo que pode contribuir para a melhoria do seu espaço, seja escolar ou familiar.

Tendo em foco uma visão do jovem enquanto sujeito protagonista e (re)construtor do seu meio, trazemos, a seguir, uma discussão sobre a experiência do Programa Clube do Jornal, enquanto ação que apresenta aspectos de uma interação entre o jovem e o seu meio escolar, podendo, inclusive, potencializar ações de protagonismo juvenil na escola.

A Experiência do Programa Clube do Jornal como Contribuição para uma Cultura de Paz

A utilização do jornal na escola, muito mais do que uma ferramenta pedagógica de letramento, pode se tornar um instrumento de formação política do sujeito que se insere nessa atividade.

Apresentamos a experiência vivenciada por jovens redatores de escolas públicas em várias partes do Brasil, onde, através do Programa Clube do Jornal, criado pela Organização Não Governamental (ONG) Comunicação e Cultura em 1995, foi possível para esses estudantes diminuir a distância entre escola, família e sociedade, conseguindo romper as “fronteiras” escolares, através da prática de publicações de jornais estudantis. Na busca pela promoção da cidadania e de uma sociedade mais justa e democrática, os textos eram redigidos pelos próprios estudantes, relatando fatos e experiências vivenciadas dentro e fora da escola. Naturalmente formava-se um intercâmbio de informações entre escolas e jovens redatores de outros jornais escolares (COMUNICAÇÃO E CULTURA, s/d) Acerca disso, Freinet (1974) nos diz que “o jornal escolar é um inquérito permanente que nos coloca à escuta do mundo e é uma janela ampla, aberta sobre o trabalho e a vida” (p.83).

Vemos que o jornal na escola mostra-se como uma ferramenta de inserção social do jovem, que apresenta uma necessidade premente de reconhecimento e identificação com um grupo. A experiência do Clube do Jornal nos mostra que muitos jovens, ao se inserirem nessa atividade, mudam a sua perspectiva de vida e sentem-se empoderados da sua capacidade de se tornarem formadores de opinião, considerando-se, por exemplo, que os textos publicados pelos jornais não só



são lidos pelos colegas do mesmo contexto escolar, como também, em muitos casos, são fortes ferramentas de expressão sobre problemas vivenciados por esses estudantes (PROGRAMA PRIMEIRAS LETRAS, 2010).

Em 2002, reforçando a autonomia e em defesa da liberdade de expressão desses jornais vinculados ao Programa Clube do Jornal, em uma assembleia com representantes de jornais estudantis do programa, foi criada a REDIJE – Rede de Integração de Jornais Estudantis. Exemplo de protagonismo juvenil, a REDIJE era organizada e coordenada por jovens redatores de jornais estudantis, promovendo a praticidade, fortalecendo o trabalho dos jovens redatores, facilitando e ajudando no processo de estruturação dos jornais que enfrentavam dificuldades, tais como resistências de gestores escolares, frente à publicação de matérias que denunciavam irregularidades observadas pelos jovens dentro do contexto escolar em que estavam inseridos. (COMUNICAÇÃO E CULTURA, 2002).

Consideramos de fundamental importância esse tipo de organização para que o jovem tenha possibilidades reais de se fazer protagonista. Esse sujeito precisa ter voz para questionar, inclusive, que ideia de protagonismo é essa a que se lhe imputa, que, em muitos casos é aparente e enganosa. Sobre esse ponto, Freinet (1974, p.12) nos diz que:

[...] as pessoas têm tendência em impor às gerações que se lhes seguem os mesmos métodos que as formaram, ou deformaram. A cultura tradicional continua obstinadamente baseada num passado caduco e trava as forças inovadoras que dinamizam o avanço.

O autor nos mostra a necessidade que há desse jovem participar ativamente dos processos de tomada de decisão que incidirão diretamente sobre a sua vida. Acerca disso, apresenta-

mos um caso ocorrido no ano de 2004 na Escola de Ensino Médio Liceu do Conjunto Ceará. Tal escola era contemplada pelo Programa de Jornal Escolar e possuía um grupo de estudantes protagonistas, que redigia e publicava um jornal estudantil chamado *Jornal Expressão*. Apoiados por um grupo de professores que protestavam contra mudanças na grade curricular da escola, as quais incluíam a supressão das disciplinas de filosofia e artes, redatores do *Jornal Expressão* uniram forças com o grêmio estudantil do Liceu do Conjunto Ceará e outros líderes de sala, promovendo uma paralisação na escola. Essa paralisação tornou-se a pauta principal desse jornal estudantil, através do qual os estudantes envolvidos na paralisação expressavam o seu ponto de vista e reivindicações (ANGELINE, 2005).

Vemos que ações como essa expressam contribuições de jovens protagonistas à construção de um contexto em que prepondere uma Cultura de Paz, levando-se em conta os fundamentos do conceito de paz positiva apresentado por Xésus Jares (2002). Para Jares a paz não é silenciamento, submissão e passividade, ainda que diante das injustiças que o nosso meio apresenta, mas sim uma posição ativa e não violenta, que se contrapõe ao autoritarismo, favorecendo um contexto em que prepondere o respeito à democracia, aos Direitos Humanos e promoção da justiça social.

Frente a isso se faz necessário que revejamos o nosso entendimento quanto ao conceito de conflito, o qual passa a ser visto como fator necessário para o estabelecimento de uma posição que se contrapõe ao que está posto, discutindo novas possibilidades, respeitando o outro em relação às suas diferenças. O conflito deixa de ser fator que impede a paz, tornando-se necessário ao estabelecimento da mesma. Entenda-se aqui que falamos de um conflito positivo (JARES, 2007), marcado pela dialogicidade e resolução dialógica /pacífica



das diferenças postas, em que, ainda que não se chegue a um consenso, seja estabelecida uma relação de respeito entre os sujeitos que discordam entrem si.

A experiência vivida pelos estudantes do Liceu do Conjunto Ceará, que se contrapuseram a uma ação considerada por eles como injusta, mostrou a eficácia do estabelecimento de práticas que constituem o jovem enquanto sujeito de direitos, capaz de opinar e gerar influência nas ações que lhe dizem respeito, o que, nesse caso em específico, se expressou pela reivindicação do direito de escolha sobre o que eles iriam estudar ou deixar de estudar na sua escola.

Percebemos, através de experiências como essa, que o estabelecimento de um contexto democrático só se constrói por meio de ações democráticas e que o jovem tem papel decisivo nesse processo, transcendendo uma imagem negativa construída, que é constituída socialmente, do jovem como um indivíduo violento e desconectado do contexto no qual está inserido.

Para Matos (2007, p.67),

O diálogo com alunos e a comunidade apresenta-se como a forma mais efetiva de construir a paz no espaço escolar. As experiências positivas com jovens e escolas devem ser mais divulgadas. É importante apresentar à sociedade imagens positivas da juventude.

A experiência apresentada pelo Programa Clube do Jornal indica possibilidades de ação que visam a desconstrução dessa imagem, favorecendo o estabelecimento de uma Cultura de Paz, construída a muitas mãos, inclusive as dos jovens.

Considerações Finais

Consideramos como sendo de fundamental importância a incorporação, na escola, de ingredientes básicos para a

promoção de um modelo de educação para a paz, como: solidariedade, participação comunitária, companheirismo, protagonismo juvenil e respeito aos direitos humanos, que contribuem significativamente para a construção de uma escola que propicie uma cultura de paz.

A escola é um espaço fundamental na promoção de ações que buscam trabalhar os valores humanos, possibilitando ao jovem o seu desenvolvimento integral enquanto cidadão, preparando-o para desafios do seu cotidiano, onde viverá situações conflituosas que terá que saber administrar.

O jovem, muitas vezes, não é considerado como interlocutor ativo, não tendo oportunidade de exprimir suas ideias e pensamentos, nem de interferir nas propostas que lhes dizem respeito, como empregabilidade, educação de qualidade e saúde. A mídia, em muitos casos, também, cria uma imagem distorcida do papel do jovem na sociedade, apresentando apenas ações negativas praticadas por ele, como seu envolvimento com drogas e violência (MATOS, 2003).

A escola ainda está muito distante dos interesses da juventude, pois são raros os programas e projetos educativos que possibilitam, efetivamente, mecanismos para a sua participação dentro e fora da escola, no que diz respeito à prática de valores condizentes com a cultura de paz. Muitas vezes, o jovem é visto apenas sob a ótica do problema, passando, assim, a serem focadas propostas educacionais somente nos supostos “problemas”, desconsiderando as potencialidades juvenis como seres ativos, criativos e participantes.

Na contramão dessa constatação, podemos observar experiências como as apresentadas pelo Programa Clube do Jornal, de iniciativa da ONG Comunicação e Cultura. Esse programa apresenta-nos casos concretos de ações de protagonismo juvenil em prol de uma cultura de paz. Cabe-nos

uma postura de valorização de ações como essas, as quais nos apontam caminhos possíveis para o estabelecimento de uma escola mais democrática, integradora das diversidades e que, conseqüentemente, cultiva a paz.

Referências Bibliográficas

ANGELINE. Mentira tem perna curta. *Jornal Expressão*, Fortaleza, jun. 2005. p.1.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Dário Oficial da União*, Brasília, 20 dez. 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Resolução nº 3, de 26 de junho de 1998. *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_98.pdf>. Acesso em: 05 out. 2013.

BRITO, Guilherme. Professores em greve se reúnem na Zona Sul do Rio para novo protesto. *G1 Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 10 out. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/professores-em-greve-se-reunem-na-zona-sul-do-rio-para-novo-protesto.html>>. Acesso em: 12 out. 2013.

CARA, Daniel. *O pronunciamento de Dilma e a educação pública*. Santos, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://revista-educacao.uol.com.br/textos/blog-daniel/o-pronunciamento-de-dilma-e-a-educacao-291607-1.asp>>. Acesso em: 12 out. 2013.

COMUNICAÇÃO E CULTURA. Jornalistas estudantis fazem história: com a aprovação do estatuto e a escolha do nome, nasce a REDIJE – Rede de Integração de Jornais Estudantis. *Clube do jornal*, Fortaleza, 2002. p.1.

COMUNICAÇÃO E CULTURA. *Clube do Jornal*, s/d. Disponível em: <<http://www.comcultura.org.br/nossos-programas/clube-do-jornal/>>. Acesso em: 12 out. 2013.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da; COSTA, Alfredo Carlos Gomes da; PIMENTEL, Antônio de Pádua Gomes. *Educação de vida: um guia para o adolescente*. Belo Horizonte: Modus Faciendi. 1998.

_____. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

COSTA, A. C. G. *A elite que deseduca*. Entrevista. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_revistas/revista_educacao/fevereiro03/entrevista.htm>. Acesso em: 11 out. 2003.

FREINET, C. *O jornal escolar*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

JARES, X. R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. *Educar para paz em tempos difíceis*. São Paulo: Palas Athena, 2007.

KING, Martin Luther. *Eu tenho um sonho*. 1963. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/mlk2.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2013.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude, professores e escola: possibilidades de encontros*. Ijuí: UNIJUI, 2003.

_____. Juventudes e culturas de paz: diálogos de esperança. *Revista Linguagens, Educação e Sociedade* – Teresina, ano 12, n. 16, p.65-70, jan./jun. 2007.

MILANI, Feizim. *Tá combinado! construindo um pacto de convivência na escola*. Salvador: Edições INPAZ, 2003.

SOUZA, Regina Magalhães. *O Discurso do Protagonismo Juvenil* – Tese. Universidade de São Paulo, 2006.

PNE PRA VALER. *Dinheiro do Petróleo para a Educação: vitória da sociedade brasileira!* 2013. Disponível em: <<http://>



pnepvaler.org.br/09/09/2013/dinheiro-do-petroleo-para-a-educacao-vitoria-da-sociedade-brasileira/>. Acesso em: 14 out. 2013.

PROGRAMA PRIMEIRAS LETRAS. *Good news*. São Paulo: Rede TV!, 26 jun. 2010. Programa de TV.

